

ATUALIDADES EM EDUCAÇÃO

INES

ESPAÇO

JAN-DEZ/06

82

Currículo-sem-fim: uma análise pós-crítica da formação continuada¹

Monique Franco*

*Doutora em Comunicação e Cultura do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ/ECO; Professora Adjunta da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – FFP/UERJ; Professora do Instituto Nacional de Educação de Surdos- INES/MEC.

e-mail: mfranco@uerj.br

Rita Leal**

**Mestre em Comunicação e Cultura do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro – ECO/URFJ. Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – (PUC/RJ).

e-mail: ritaleal@uol.com.br

Recebido em setembro de 2006 e aprovado em outubro de 2006

Resumo

Currículo-sem-fim é o termo que sintetiza a noção de uma formação permanente. Espaços e discursos nos quais a incorporação de uma nova lógica começa a se impor e constituir novas territorialidades e formas de poder. Um lugar em que um sem-fim de saberes e práticas vão diretamente ao encontro de uma “lógica das modulações” engendradas pelas sociedades de controle (Deleuze) que emerge

da crise da sociedade disciplinar (Foucault). Concordamos com a hipótese de que já não existe mais apenas um local privilegiado de reserva de conhecimento e que os espaços escolares, em suas diferentes modalidades e níveis, dividem e competem com outros operadores na tarefa de produzir e transmitir conhecimento. Neste ensaio, apresentamos uma síntese da passagem da sociedade disciplinar para a de controle e dos conceitos de molde e modulação, para, em

seguida, destacar exemplos de novas modalidades de formação expressas nas chamadas Universidades Corporativas, tangenciando os impactos e desafios que esses novos modelos colocam à formação humana.

¹ Parte deste artigo foi apresentado no GT de Currículo da 28ª REUNIÃO ANUAL DA ANPEd – Associação Nacional de Pós-graduação em Educação. Caxambu – outubro 2005.

ATUALIDADES EM EDUCAÇÃO

INES

ESPAÇO

JAN-DEZ/06

83

Palavras-chave: políticas de currículo, políticas de formação, modulação.

Abstract

Endless Curriculum is the term that synthesizes the concept of continued education; of spaces and discourses in which the incorporation of a new logic begins to impose itself and to build new territorialities and new forms of power. It is a place where endless knowledge and practices refer directly to a "logic of modulations" created by societies of control (Deleuze) that emerge from the crisis within the disciplinary society (Foucault). We agree to the hypothesis that describes the inexistence of only one privilege place of reserved knowledge and that the academic spaces, in its varied levels and forms, share and compete with other operators the function of producing and transmitting knowledge. In this paper, we present a synthesis of the passage of the disciplinary society to one of control and of the concepts of mold and modulation followed by examples of new modalities education expressed in the so-called Corporate Universities

(Universidades Corporativas), mentioning the impacts and challenges that these new models present to human education.

Key words: curriculum policies, educational policies, modulation.

1. Currículo-sem-fim

Currículo-sem-fim é o termo pelo qual buscamos sintetizar e problematizar a noção de uma formação permanente, contínua, "adequada" às novas configurações e expectativas conferidas hoje ao estatuto do conhecimento.

Quando pensamos em currículo, esse campo de saberes que teve origem no final do século dezenove e atravessou o século vinte adquirindo legitimidade, especificidade e o paulatino reconhecimento de sua potência na produção de identidades individuais e sociais, pensamos, ainda, muitas vezes, na seleção dos conteúdos e práticas necessárias à formação humana. Se olharmos para essa seleção, considerada durante muito tempo como o berço do conhecimento social acumulado, veremos que, a despeito de maquiagens e enxertos, pouco, fundamentalmente, se alterou, posto que o grande mito moderno do pro-

gresso humano, o projeto iluminista, ainda se impõe quando listamos os conhecimentos necessários ao nosso ser-no-mundo, ainda que esse mundo e mesmo esse Ser tenham perdido um lugar essencializado. Continuamos a selecionar, organizar e transmitir a chamada cultura universal praticamente da mesma maneira de outrora, mesmo quando incorporamos o conhecimento local ou propostas interdisciplinares em nossas novas globalidades.

Entendemos, sobretudo, que a maior parte dos currículos oferecidos nos diferentes espaços educativos indica, ainda, um forte apego ao modelo cartesiano clássico e sua abordagem analítica, em que se parte do modelo mais simples para se chegar ao complexo. A tradicional e pouco alterada estrutura de seriação é um exemplo emblemático desse modelo. Ou seja, nossos currículos espelham, sobretudo, as clássicas distinções modernas que demarcaram claramente as fronteiras entre natureza e cultura ou criatura e artefato, entre sujeito e objeto ou entre corpo e pensamento, entre interioridade e exterioridade ou entre o indivíduo e o meio. Há um legado cartesiano que forma (ou deforma) nossos corações e mentes; um legado cartesiano

ATUALIDADES EM EDUCAÇÃO

INES

ESPAÇO

JAN-DEZ/06

84

que ainda nos classifica e objetiva.

Por um lado, tudo indica que a escola, em seus diferentes níveis e modalidades, intenciona passar imune aos impactos do acelerado processo de “des-humanização” promovido pelas tecnociências² e ao processo de constituição de novas subjetividades e identidades, novos acessos ao entendimento do cogito e, conseqüentemente, a novas formas

análise a partir de perspectivas pós-críticas.

O recorte que trazemos aqui, a noção de currículo-sem-fim parece indicar esse lugar em que um sem-fim de saberes e práticas vai diretamente ao encontro de uma “lógica das modulações” engendradas pelas sociedades

funciona por meio de um controle intenso e diluído. Vale observar, também, que esse novo modelo emerge de uma crise generalizada de todos os mo-

O recorte que trazemos aqui, a noção de currículo-sem-fim parece indicar esse lugar em que um sem-fim de saberes e práticas vai diretamente ao encontro de uma “lógica das modulações” engendradas pelas sociedades denominadas por Deleuze como sociedades de controle e que ocupam papel de destaque nos modelos de formação humana em curso.

de produção conhecimento-informação-formação.³ Por outro, parecem existir espaços e discursos nos quais os indícios de incorporação de uma nova lógica no processo de formação humana começam a se impor e constituir novas territorialidades e também outras formas de poder. São os modelos denominados de formação permanente, sobre os quais este estudo pretende fazer uma

denominadas por Deleuze como sociedades de controle⁴ e que ocupam papel de destaque nos modelos de formação humana em curso.

No contexto educacional, compreendemos por modulações uma operação de formação que ocorre de maneira contínua e *sem-fim*, de acordo com as variações constantes e flexíveis, em consonância com um modelo de sociedade que

delos de confinamento identificados por Foucault em suas análises acerca da *sociedade disciplinar*⁵. Com isso, queremos afirmar que concordamos com a hipótese de que já não existe mais apenas um local privilegiado de reserva de conhecimento institucionalizado. Os espaços escolares, na atualidade, em suas diferentes modalidades e níveis de atuação, dividem e competem com ou-

² Utilizamos a noção de tecnociência para indicar a condição de contínua imbricação entre a ciência e a técnica.

³ Aludimos às transformações que estão ocorrendo no campo do conhecimento em que a informação passa a configurar um novo paradigma formativo.

⁴ Cf. Deleuze, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

ATUALIDADES EM EDUCAÇÃO

INES

ESPAÇO

JAN-DEZ/06

85

2. Da disciplina ao controle

tros operadores na tarefa de produzir e transmitir conhecimento.

Para consubstanciar nossa reflexão, inicialmente, faremos uma breve síntese da passagem da sociedade denominada por Foucault como disciplinar para as análises de Deleuze acerca da *sociedade de controle*. Em seguida, desenvolveremos os entendimentos dos conceitos de *molde e modulação*, cunhados pelo filósofo, que, para nós, reafirmam essas mesmas configurações dos dois modelos sociedade expostos acima. A concepção de *currículo-sem-fim* será central em toda a análise. O *locus* privilegiado de investigação encontra-se nas considerações acerca das novas modalidades de formação que se configuram nas chamadas Universidades Cooperativas, tangenciando os impactos e desafios que esses novos modelos colocam hoje à formação humana e, mais especificamente, ao campo do currículo.

Será a partir do século XIX, diante da necessidade de a educação delinear-se como saber e *práxis* para responder à passagem do mundo tradicional para o mundo moderno, que surgem novas instâncias educacionais. Estas passam a definir um conjunto de regulamentos que visam controlar e corrigir as operações do corpo com a finalidade de construir o “corpo dócil”⁶, definido como aquele que pode ser moldado, submetido, treinado e adestrado para ser utilizado como artefato do poder. Entre essas instâncias, a escola se destaca por articular, em consonância com o projeto educativo apresentado pela sociedade disciplinar, uma educação que estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada. Todos os mecanismos e dispositivos de poder e vigilância reorganizam o ambiente escolar, redefinindo os saberes a serem transmitidos e reestruturando os objetivos

da escola, direcionando-a não só para a instrução como, também, para a formação do sujeito idealizado. Doravante, é a escola que ensina conhecimentos e comportamentos; que se estrutura em torno da didática, da racionalização da aprendizagem dos diversos saberes e da conformação programada das práticas cerceadoras, produtoras de novas subjetividades.

A modernidade exige um indivíduo responsável, senhor do seu livre arbítrio, do seu poder de contrariar as paixões e afecções em nome dos fins racionais que vão constituir sua identidade. A história se articula como o discurso que narra a errância do homem em busca do seu acabamento.

Surge então um currículo, como criação da modernidade, que envolve formas de conhecimento cuja finalidade consiste em regular e disciplinar o indivíduo, mas que também, em tese, buscaria a sua emancipação. O currículo moderno, humanista no primeiro momento, retoma a idéia de cultura literária e retórica da *Paidéia* clássica, para, depois, assumir uma mentalidade mais

⁵ Cf. Foucault, Michel. *Vigiar e Punir*, 25ª Ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

⁶ Denominação dada por Foucault para uma “redução materialista da alma e uma teoria geral do adestramento, no centro dos quais reina a noção de docilidade que une ao corpo analisável o corpo manipulável”. Foucault, *Vigiar e Punir*. Rio de Janeiro: Vozes, 2002:118.

ATUALIDADES EM EDUCAÇÃO

INES

ESPAÇO

JAN-DEZ/06

86

científica, até incorporar todos os novos elementos e exigências das mudanças trazidas pela modernidade. Para além de sua face explícita representada pela seleção, definição e ordenação dos saberes, visualiza-se a presença do poder, diluído em uma multiplicidade de estruturas e normatizações, que atua por meio da vigilância e do controle, para a fabricação da identidade e da subjetividade “dócil” (Foucault, 2002, op.cit).

Na sociedade disciplinar moderna, o poder exerce uma coerção contínua, ininterrupta, que mecaniza os movimentos, os gestos, as atitudes, visando obter maior eficácia e economia. Embora a modernidade seja orientada pelo discurso de emancipação e libertação do homem, da sociedade e da cultura, na sua ambigüidade ela também tende a moldar e conformar o indivíduo, definindo modelos sociais de comporta-

mentos com o intuito de torná-lo produtivo e integrado. Ou seja, o projeto iluminista tornou-se um novo tipo de opressão. O século das “Luzes que descobrira as liberdades, inventou também as disciplinas” (Foucault, 2002:183).

Esse controle minucioso das operações do corpo sujeita suas forças e lhe impõe uma relação de docilidade-utilidade, denominada por Foucault (2002)⁷ de disciplina. Sob esse aspecto, a disciplina visa não somente aumentar a capacidade das habilidades individuais e aprofundar sua sujeição, mas, sobretudo, desenvolver uma relação que torna o indivíduo tanto mais obediente quanto mais útil, sendo o inverso também verdadeiro. Resumidamente, a disciplina-ridade consiste em um conjunto de técnicas de subjetivação.

Rastreando a produção da subjetividade no espaço escolar, verifica-se a definição dos espaços para cada tipo de atividade. Tanto as atividades dos alunos como o tempo e o espaço disponível são controlados em horários e espaços determi-

nados, segmentados, o que institui a escola como o lugar da disciplina, de seu aprendizado e de seu exercício. No bom emprego do corpo, que possibilita um bom emprego do tempo. Esse tempo disciplinar, que aos poucos se impõe à prática pedagógica, define programas, assim como a sua duração; hierarquiza os saberes; especializa o tempo de formação e qualifica os indivíduos de acordo com o desenvolvimento obtido nas séries que percorre. O poder se articula diretamente sobre esse tempo, controlando-o, capitalizando-o e garantindo sua utilização eficaz. Os procedimentos disciplinares revelam um tempo linear, formado por instantes que se integram uns com os outros, na direção progressiva de um ponto definido que se encontra, supostamente, à sua frente. Essa idéia de tempo cumulativo, “evolutivo”, realiza no indivíduo, através da continuidade, da repetitividade e da coerção, uma idéia de crescimento e qualificação.

Sob esse aspecto, as instituições disciplinares são meios

⁷ Ver o conceito de disciplina articulado por Foucault em seu livro *Vigiar e Punir*. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

ATUALIDADES EM EDUCAÇÃO

INES

ESPAÇO

JAN-DEZ/06

87

de confinamento que funcionam como espaços de moldagens independentes. Nesse processo de moldagem, os indivíduos passam por diferentes espaços de confinamento (escola, exército, fábrica) e delas saem de maneira linear, por elas formado. Cada instituição possui suas regras e lógicas de subjetivação. A escola nos diz: "Você não está mais na sua família"; e o exército diz: "Você não está mais na escola"⁸. Por serem meios independentes, entre um confinamento e outro, as instituições pré-requisitam, no ato do ingresso, um começo do zero. Em contrapartida, oferecem, no momento do seu egresso, o sentimento

de *quitação aparente*⁹, ou seja, a sensação de que a "dívida" contraída pelo sujeito com a instituição e consigo mesmo se encontra supostamente quitada. Essa sensação perdura até o próximo ingresso em outro confinamento, que, por sua vez, pré-requisitará um novo recomeço, e assim sucessivamente. No modelo disciplinar, esse processo, que se prolonga indefinidamente, leva o indivíduo a viver num estado de eterno recomeço. O espaço disciplinar passa a ser utilizado para quadricular o indivíduo, ou seja, atomizá-lo, não o deixando perceber que está sendo moldado e organizado para determinadas tarefas. Após fazer com que o indivíduo perca a noção do todo, reduzindo uma multiplicidade tida como caótica a uma homogeneidade constante ou a um padrão de

conduta básico, é preciso analisar o comportamento do indivíduo para utilizar as comunicações necessárias para que ele passe a incorporar o discurso pré-estabelecido, vigiando-o e medindo suas qualidades e sua utilidade em todos os momentos.¹⁰

Na sociedade contemporânea, verifica-se a passagem da *sociedade disciplinar* de Foucault para a *sociedade de controle* preconizada por Deleuze¹¹. Contudo, essa passagem não é de oposição e sim de intensificação.

⁸ Cf. Deleuze, *Conversações*, Rio de Janeiro: Editora 34, 1992: 219.

⁹ *Idem* p.222.

¹¹ Podemos citar o exame como possuindo um papel central na moldagem e na normalização do indivíduo, posto que combina as técnicas da vigilância hierarquizada com as da sanção que normaliza. No interior do exame, podemos identificar a reunião da cerimônia do poder e a forma da experiência, a demonstração da força e o estabelecimento da verdade. É por meio do exame que a superposição das relações do poder com o saber alcança o seu apogeu, sendo por isso que em todos os estabelecimentos de disciplina o exame é altamente ritualizado. Nesse sentido, a escola funciona como uma instância ininterrupta de exames, que se fazem presentes durante todo o processo de ensino, e estabelecem a ligação entre um certo tipo de formação de saber e uma certa forma de exercício de poder. Seu aspecto ritualístico, seus jogos de perguntas e respostas, assim como seus sistemas de notas e classificação, sintetizam as relações de poder e de saber, na medida em que buscam definir o que é "verdade", através da pontuação de erros e acertos, que possibilita a classificação, a qualificação e a punição. Nesse processo, o exame reafirma a característica fundamental do poder disciplinar, na medida em que, deixa de emitir sinais de seu poderio, ao mesmo tempo em que obriga aqueles que a ele estão submetidos, nesse caso os alunos, a uma visibilidade obrigatória.

ATUALIDADES EM EDUCAÇÃO

INES

ESPAÇO

JAN-DEZ/06

88

O homem experimenta a interatividade com as máquinas e seus bancos de dados, com os mecanismos de controle, a exemplo das câmeras de vigilância, com a comunicação planetária em que informações são trocadas, com os sistemas telemáticos, vivenciando uma identidade não-linear, hiperconectada e distribuída em escalas globais, em mesclas do real e do virtual tecnológico, decorrente das interações com os novos meios de comunicação e informação.

Em síntese, percebe-se que, embora o processo de produção das subjetividades continue sendo engendrado pelas mesmas instituições sociais já indicadas anteriormente neste estudo, este processo tem sido levado ao extremo, a ponto de instaurar um modelo de subjetividade que passa a ser reconhecido como artificial.¹² Para Hardt, por exemplo, o controle pode ser definido como “uma intensificação e uma generalização da disciplina, em que as fronteiras das instituições foram ultrapassadas, tornadas permeáveis, de forma que não

há mais distinção entre fora e dentro” (Hardt, 2000: 369).

Nesse sentido, pode-se dizer que a sociedade moderna se concebia em termos de território – real ou imaginário – e da relação desse território com o seu fora, condição central para o seu bom funcionamento. Na sociedade de controle, embora ainda existam as instituições (família, escola, exército, prisões) seus muros se encontram em franco desmoronamento, tornando impossível distinguir entre fora e dentro. Suas lógicas percorrem superfícies sociais ondulantes, em ondas de intensidade, seus

espaços são impuros, híbridos, e sua organização, que antes se dava em torno de grandes conflitos, hoje se dá em torno de uma rede de microconflitualidades. O poder é total e constante, operando velozmente por meio de modalidades digitais, contínuas, fluídas, ondulatórias, mutantes, que se espalham aceleradamente por todo corpo social.

O homem experimenta a interatividade com as máquinas e seus bancos de dados, com os mecanismos de controle, a exemplo das câmeras de vigilância, com a comunicação planetária em que informações são trocadas, com os sistemas telemáticos, vivenciando uma identidade não-linear, hiperconectada e distribuída em escalas globais, em mesclas do real e do virtual tecnológico, decorrente das interações com os novos meios de comunicação e informação. Estes, na sua materialidade tecnológica, formam o principal sistema produtor e divulgador da informação. Considerando que a informação é matéria-prima para a construção do conhe-

¹¹ Ver Deleuze, Gilles, *Post-Scriptum sobre as sociedades de controle*, in *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

¹² Sobre este conceito de “subjetividade artificial” ver Michael Hardt em *A sociedade mundial do controle*; in Alliez, Eric (org) Gilles Deleuze: *uma vida filosófica*, Rio de Janeiro: Editora 34, 2000.

ATUALIDADES EM EDUCAÇÃO

INES

ESPAÇO

JAN-DEZ/06

89

cimento, e que a escola, dentre os inúmeros espaços formativos e educacionais, ainda se constitui como o espaço de ordenação, sistematização e divulgação do conhecimento socialmente validado, continuando pertencendo ao discurso escolar o reconhecimento e a credibilidade de elaborador e detentor do conhecimento sistemático e legítimo. Seria conveniente, pois, dizer que a escola repense seus conceitos, suas práticas e sua estruturação curricular para fazer frente às mudanças engendradas pela sociedade modular de controle. Mas pensar em mudança, dessa forma, nos remeteria à lógica teleológica de progresso e aperfeiçoamento, dando margem para que as mudanças em curso sejam apreendidas apenas de forma utilitária e perversa, deixando de lado a própria imanência dessas transformações e seu caráter processual, inacabado e heterogêneo.

Na moldagem disciplinar, a escola centralizava, hierarqui-

zava e selecionava a informação, atendendo ao princípio pedagógico de sistematização do conhecimento socialmente validado e necessário para todos. Ao professor, no papel de mediador do interesse geral e “detentor do conhecimento”, cabia emitir uma mensagem homogênea que todos os alunos receberiam, assumindo o modelo de transmissão “um-todos”, em consonância com o modelo de divulgação da informação articulado nos meios de comunicação de massa (rádio, televisão, jornal) existentes até então. Aos alunos, vistos como meros receptores, restava apenas a decodificação da mensagem enviada, sem qualquer questionamento crítico ou interferência no processo de seleção dos saberes. O currículo se constituía, por excelência, no mecanismo de seleção, hierarquização, seqüencialidade e ordenação, no tempo e no espaço, desses saberes.

Com a fragmentação, o descentramento, a descontinuidade e a imediaticidade dos tex-

tos e imagens que compõem a linguagem digital, a moldagem da verticalidade curricular – inspirada na metáfora da árvore¹³ como forma clássica de representar a estrutura dos saberes e das ciências – agoniza, frente à sociedade modular que impõe a formação ininterrupta, a chamada formação permanente. Verifica-se, portanto, uma crise generalizada com relação às instituições que serviram de base à aplicação das sociedades disciplinares de Foucault, no sentido de que o lugar de sua efetividade é cada vez mais indefinido e suas lógicas disciplinares, embora não tenham se tornado ineficazes, se encontram generalizadas como formas fluídas através de todo o campo social. Na contemporaneidade, em que a mensagem é de indeterminação e maleabilidade e de domínio da incerteza, o modelo curricular moderno, ainda vigorando e sendo praticado, revela-se insuficiente para dar conta da multiplicidade de conhecimentos intercambiáveis,

¹³ A estrutura compartimentalizada do conhecimento pode ser representada pela metáfora arbórea, a imagem de uma grande árvore cujas extensas raízes devem estar presas em solo firme, com tronco sólido que se ramifica em galhos e mais galhos. É o modelo cartesiano, moderno, colocando em evidência princípios de uma natureza única, fronteiras, regiões de domínio. A organização curricular do ensino segue esse padrão, colocando as disciplinas como realidades estanques. (<http://www.apagina.pt>. Acesso em 12 de abril de 2005).

ATUALIDADES EM EDUCAÇÃO

INES

ESPAÇO

JAN-DEZ/06

90

que se articulam nas mais variadas direções, por meio das novas tecnologias. O *rizoma* de Deleuze e Guattari (1995), que se apresenta como forma de pensar e compreender o atual estágio do conhecimento humano, anuncia mudanças que ficam muito mais dentro dos meios acadêmicos do que nos currículos escolares. A topologia da rede corresponde ao modelo de comunicação “todos-todos” e rompe com a hierarquização entre emissores e receptores, abrindo possibilidades para que todos possam ser emissores de informação. Isso significa a descentralização do conhecimento em áreas específicas e segmentadas, passando a estrutura curricu-

lar do modelo *arbóreo*¹⁴ para o modelo *rizomático*.¹⁵

No modelo rizomático do conhecimento de Deleuze e Guattari (1995), não existem escalas hierárquicas ou um ponto central. Todos os tipos de associações são possíveis de se realizar por meio das interações. Definidos como espécies de “hastes ou caules subterrâneos, diferenciam-se dos demais tipos de raízes, pois têm formas muito diversas”. Qualquer um dos seus pontos pode e deve ser conectado a outros, rompido em um lugar qualquer, e também retomado segundo uma ou outra de suas linhas e segundo outras linhas. (Deleuze e Guattari, 1995:15). No *rizoma*, não se verifica a existência de pontos ou posições definidas, mas apenas linhas de segmentaridade e de desterritorialização, interconectadas, planas, que remetem

umas às outras, em que se inter-relacionam diversas possibilidades: “acontecimentos vividos, determinações históricas, conceitos pensados, indivíduos, grupos e formações sociais” (idem, p.18).

Hoje, a noção de “rede” está presente (ou onipresente) em todos os campos, práticos e teóricos e, marcadamente, no campo educacional. Evocando, em certa medida, o conceito de *rizoma*, a rede comporta, entre outros, os princípios da conexão entre os *nós* que a constituem: os princípios da heterogeneidade, da multiplicidade, da interação e da troca. A forma mais corrente de definir a rede é compará-la a um conjunto vivo de significações, onde tudo se conecta: os hiperdocumentos entre si, as pessoas

¹⁴ A árvore necessita de uma forte unidade principal, ou seja, “o tronco”, que, simbolicamente, se refere a um segmento específico do saber, para suportar o desdobramento dos ramos específicos que, em geral, não se relacionam entre si e se ligam unicamente com a idéia central do conhecimento. O estudo pertencente a cada “árvore” (área) do conhecimento desconsidera qualquer interligação com outras “árvores” do conhecimento humano e, ao contrário, o pensamento estruturado busca especificar e definir as especificidades dos saberes, delimitando os campos de cada ciência, isolando-a e valorizando sua pseudo “autonomia arbórea”. O texto da Professora Vani Moreira Kenski, *Novas tecnologias: o redimensionamento do espaço e do tempo e os impactos no trabalho docente*, apresentado na XX Reunião anual da ANPED, Caxambu, setembro de 1997, foi de grande valia para a articulação do raciocínio desenvolvido nesta etapa do presente trabalho.

ATUALIDADES EM EDUCAÇÃO

INES

ESPAÇO

JAN-DEZ/06

91

entre si e os hiperdocumentos com as pessoas. Para a educação, a rede se constituiria, por um lado, em uma imensa biblioteca acessível a todos, e de outro, em um lugar onde todos compartilhariam a construção do conhecimento, por meio da troca e da interação. Cada ator inscreveria sua identidade na rede à medida que articulasse sua presença no trabalho de seleção e navegação nas suas áreas de interesse. A característica não-linear, horizontal, do percurso possibilitaria novas formas de intervenção por parte dos usuários, garantindo-lhes a liberdade de saltar de uma fonte para outra, compondo seu próprio itinerário, sem começo nem fim.

Sem dúvida alguma, o modelo *rizomático* e as características próprias da rede parecem romper com o modelo tradicional de educação, exigindo e potencializando não apenas

uma nova concepção de educação, que alteraria radicalmente as relações tradicionais professor/ aluno e ensino/ aprendizagem, mas também uma nova forma de pensar a construção do conhecimento, a formação das identidades e do mundo que nos cerca. Contudo, o que se verifica na prática é um processo extremamente conflituoso e paradoxal que tende a se desdobrar em duas questões fundamentais. A primeira aponta para a permanência, ainda que com algumas maquiagens, de uma concepção de educação vigente, fundada na idéia da transmissão de informações por meio do modelo “um-todos”, tradicional e “bancário”, tendo por sustentação a concepção curricular de raízes arbóreas. Esse modelo, que cria uma dicotomia entre a escola e as demandas da sociedade modular, distancia a escola dos outros fenômenos sociais, abrindo brechas para outras instituições ocuparem o espaço de formação do indivíduo e de preservação da cultura que antes

era atribuído, preferencialmente, à instituição escolar. Como consequência desse distanciamento, reforçam-se os discursos que defendem a formação permanente, posto que o espaço escolar já não dá conta dessa função.

É exatamente aqui que entra a segunda questão. O que assistimos tende muito mais a um novo tipo de controle do que à possibilidade de “liberdade” que a rede indica como constituição. Para Deleuze (1992), a chamada formação permanente tende a substituir a escola, e o controle contínuo, o exame. Como consequência, teríamos o novo modo insidioso com que o modelo empresarial se afirma e se expande, penetrando no sistema educacional, generalizando e entronizando seus princípios, seus critérios de avaliação, produzindo, assim, e de maneira disseminada, o tipo de identidade a que ele melhor se ajusta: auto-centrada, competitiva e afinada às exigências do mercado.

3. Dos moldes às modulações

Deleuze¹⁶ nos dá como exemplo da lógica da modulação a substituição do modelo

ATUALIDADES EM EDUCAÇÃO

INES

ESPAÇO

JAN-DEZ/06

92

da fábrica para o de empresa. Note-se que essa substituição implica tanto o modelo da organização da produção/consumo como a própria gestão da vida e dos modelos de formação. Se, no modelo disciplinar/fabril, a remuneração fica ancorada no sistema de prêmios e promoções, no modelo controle, a tendência é a introdução de modulações para cada salário, indicando uma competição interminável que será entendida como saudável, produtiva, posto que foi desejada e estimulada.

É fato que as novas tecnologias têm produzido novas temporalidades, que, por sua vez, incidem sobre o modo de perceber e experimentar o mundo, interessantes para sustentar um certo regime de vida que vai se fortalecendo à medida que a mesma produz as subjetividades que lhe são adequadas. Com isso, esse novo regime de sociedade produz não só novas relações de poder como novas subjetividades.

Deleuze (1992) marca, mais uma vez, as distinções que nos parecem importantes

No caso da educação, instala-se um novo paradigma: o de uma formação permanente, sem-fim, em que cada vez menos se dissociam a escola e o meio profissional como espaços fechados e distintos, forjando-se figuras híbridas como as do operário-aluno ou a do executivo-universitário.

para entender esse novo formato. Ele afirma que, enquanto nas sociedades disciplinares a velha assinatura identifica os indivíduos e o número de matrícula assinala nossa posição em uma massa, nas sociedades de controle, correspondemos a uma senha, que franqueia ou barra o nosso acesso à informação ou à passagem – a inclusão em um espaço¹⁷. Em vez do indivíduo-massa-anônimo, característico da sociedade disciplinar, tem-se o que Deleuze (1992) denominou de indivíduos *dividuais*, divisíveis. Com a interface gráfica (as janelas), experimentamos a possibilidade de múltiplas personalidades coexistindo em

nós e aprendemos a conviver com nossos muitos *eus*, repartidos nos diferentes bancos de pertencimento e que só encontram nexos e desenvolvimento no interior do próprio banco. Já as massas, estas se tornariam amostras, dados armazenados em bancos de dados que têm como objetivo não só fazer previsões como também estabelecer perfis de consumo, de cognição, de atividades e de comportamentos.

No caso da educação, instala-se um novo paradigma: o de uma formação permanente, sem-fim, em que cada vez menos se dissociam a escola e o meio profissional como espaços fechados e distintos, for-

¹⁶ Cf. Deleuze, Gilles, *Post-Scriptum sobre as sociedades de controle*. Conversações, Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

¹⁷ Vide as transações comerciais efetuadas por meio do cartão de débito automático que, para sua efetivação, não mais exigem a assinatura do comprador ou seu número de identificação, bastando apenas que este digite a sua senha, ou seja, o seu "código de acesso" a esse novo espaço informacional. É importante destacar que, para cada espaço diferenciado, é necessário um "código de acesso" próprio e diverso, que "dividua" o indivíduo, personalizando-o naquele espaço específico.

ATUALIDADES EM EDUCAÇÃO

INES

ESPAÇO

JAN-DEZ/06

93

jando-se figuras híbridas como as do operário-aluno ou a do executivo-universitário. Pensando na trajetória dos próprios professores, sua formação também prevê uma formação *sem-fim*, por meio de cursos de atualização, especializações *lato-sensu* ou *stricto sensu*, “reciclagens”, ou de formação continuada¹⁸, face, sobretudo, às crescentes exigências do mercado, bem como à vinculação desses dispositivos aos planos de cargos e salários.

A diferença que parece imperceptível é que, antes, as técnicas disciplinares operavam na duração de um sistema fechado, que se sustentava em um modelo de identidade a ser perseguido, construindo uma trajetória coerente para a consciência, que resultaria na construção de uma identidade mo-

delarmente definida. Agora, os novos dispositivos efetuam-se por meio aberto, apoiando-se na tecnologia para produzir formas ultra-rápidas de controle, considerando que as situações vivenciadas constituem-se como bancos de dados diferenciados. O processo de dividuação exige exposição diferente em diferentes bancos de dados, importando, sobretudo, a possibilidade de sustentar a diversidade no seio da própria dividuação.

Nesse contexto, modifica-se o *ethos* educativo, que passa a impor novos ritmos e dimensões ao processo de ensino e aprendizagem. Caracterizada como uma sociedade em contínua adaptação, em que nunca se termina nada, a sociedade de controle cobra, tanto do aluno quanto do professor, uma postura de aprendizagem permanente e de constante adaptação ao novo. O sujeito constantemente modulado vive o processo denominado por

Deleuze¹⁹ de *moratória ilimitada*, em que a “dívida” frente às instituições se torna impossível de ser quitada. Como desaparece a possibilidade de considerar-se alguém plenamente formado, independente do grau de escolarização alcançado, prioriza-se a *formação permanente*, que, para Deleuze, se constitui no “meio mais garantido de entregar a escola à empresa” (Deleuze, 1992: 221). A educação, que antes “moldava”, formava e conformava o indivíduo para o mercado de trabalho – representado, em grande parte, pela fábrica – hoje “modula” para atender ao *ethos* empresarial, cujo discurso incentiva e valoriza a capacidade dos indivíduos e das estruturas organizacionais de se modular, permanentemente, às constantes mudanças decorrentes do avanço da ciência e da técnica. Desse modo, os vínculos estáveis de trabalho são desqualificados e desvalorizados, passando a ser valorizada a capacidade de empregabilidade de cada um. Isso, além de, perversamente, rom-

¹⁸ A questão da formação continuada, embora não se constitua como objeto de nossa análise, vale ser destacada, posto que indica, também, um lugar *sem-fim* de exigências formativas. Possui, entretanto, várias outras facetas. Aqui, interessa-nos destacar que a justificativa da necessidade da existência de cursos de formação continuada se efetua por meio de um discurso contraditoriamente, a princípio, desqualificante. Ora se desqualifica a formação inicial ou ora se desqualifica o próprio professor, esvaziando de sentido sua experiência e seu saber.

¹⁹ *Idem*.

ATUALIDADES EM EDUCAÇÃO

INES

ESPAÇO

JAN-DEZ/06

94

per com as relações fixas, incentivando a competitividade, amplia, para o cultural, para as relações interpessoais e para o afetivo, a instabilidade que o sujeito vive no campo do trabalho. Assim, a instabilidade no emprego, o culto ao novo, ao descartável e ao efêmero, regem e justificam a superficialidade das relações afetivas, ao mesmo tempo em que incentivam o consumo, tornando a noção de competência²⁰ a mais apropriada, posto que atende perfeitamente ao discurso da globalização de valorização da polivalência.

Segundo essa nova lógica, o conhecimento estaria, portanto, se transformando no recurso que mais agrega valor aos negócios e, por conseguinte, à economia. Estimular, manter e desenvolver as competências necessárias para o sucesso do negócio tornou-se o desafio primordial da gestão de pessoas contemporânea. Contudo,

essa lógica é perversa, na medida em que faz crer que a educação é a mera aquisição do conhecimento e que esta é a solução para todos os problemas. Conhecimento é nada, ou quase nada, quando não usado adequadamente, apropriadamente e corretamente nas mais variadas situações da vida pessoal e profissional. A essa nova capacidade de utilização os gestores denominam competência. Não existe competência sem o devido conhecimento para ser usado, mas existe conhecimento sem a devida competência para usá-lo, o que, de qualquer forma, é péssimo.

Com o objetivo de melhorar a gestão e ganhar competitividade, oferecendo um diferencial na guerra pela conquista e manutenção de mercado, as empresas estão assumin-

do o papel da *reciclagem* e da *complementação educacional*, abandonando o treinamento rápido em áreas específicas para oferecer um enfoque mais estratégico, muito mais a serviço do capital do que do trabalhador propriamente dito, posto que visa garantir a permanência e/ou liderança da empresa no mercado. A empresa se encarrega da educação corporativa para divulgar o diferencial de seus produtos, formando e apelando para a consciência social, política, ética, ecológica, etc., associando ao produto os conceitos considerados co-

²⁰ A professora Guiomar Namó de Mello, no site da Revista Nova Escola, <http://www.novaescola.abril.com.br>, atribui à competência e habilidades as seguintes definições: Competência é a capacidade de mobilizar conhecimentos, valores e decisões para agir de modo pertinente numa determinada situação. Portanto, para constatá-la, há que considerar também os conhecimentos e valores que estão na pessoa e nem sempre podem ser observados. Competências e habilidades pertencem à mesma família. A diferença entre elas é determinada pelo contexto. Uma habilidade, num determinado contexto, pode ser uma competência, por envolver outras sub-habilidades mais específicas. Por exemplo: a competência de resolução de problemas envolve diferentes habilidades — entre elas a de buscar e processar informação. Mas a habilidade de processar informações, em si, envolve habilidades mais específicas, como leitura de gráficos, cálculos etc. Logo, dependendo do contexto em que está sendo considerada, a competência pode ser uma habilidade. Ou vice-versa. Sabemos, entretanto, que a noção já foi amplamente criticada quando vem associada ao novo paradigma produtivo das sociedades pós-industriais.

ATUALIDADES EM EDUCAÇÃO

INES

ESPAÇO

JAN-DEZ/06

95

mo “politicamente corretos”. É a lógica do capitalismo de superprodução, em que a mercadoria é fetichizada, e a educação mercadologizada.

4. Hambúrgueres, toupeiras e serpentes

Uma série de organizações, principalmente nos Estados Unidos, vem se beneficiando dos conhecimentos e habilidades que têm ajudado a promover a partir da criação de departamentos ou instituições voltados especificamente para a promoção da aprendizagem organizacional. No Brasil, já iniciaram suas atividades a Motorola University, Universidade do Hambúrguer da McDonald's, Escola Amil, Instituto de Formação Carrefour, Universidade Algar, Unite da Telemar, Universidade TAM, Academia Universidade de Serviços do Grupo Accor, Boston School do Bank Boston, Visa Training e Universidade Datasul, entre outras. Essas or-

ganizações criaram centros de ensino próprios para a condução de atividades voltadas para a aprendizagem, denominadas universidades corporativas. Uma breve consulta aos sites dessas corporações, disponibilizados na Internet, evidencia a inexistência de qualquer estrutura curricular preocupada com uma formação mais ampla. Os cursos oferecidos são voltados unicamente para adequar os alunos aos interesses da empresa, reafirmando suas políticas comerciais e de marketing. Tomando como exemplo o site da Universidade do Hambúrguer do McDonald's, verificamos a oferta dos seguintes cursos: *Relações com a Mídia, Técnicas de Apresentação e Facilitações, Consultoria de Negócios, Marketing Básico, Curso Avançado de Operações, Práticas de Liderança de Restaurante, Práticas de Liderança de Negócios, Curso Básico para Gerente e Operador e Sete Hábitos das Pessoas Altamente*

*Eficazes.*²¹ Ou seja, fica claro que a preocupação não reside na construção do conhecimento, de forma mais ampla, ou no desenvolvimento humano e sim no aprimoramento das técnicas, das competências e habilidades, para atender às demandas da empresa frente às exigências do mercado. Muitas dessas instituições têm estendido os seus programas de educação e treinamento a fornecedores, clientes, franqueados e a outras empresas, ao mesmo tempo em que transformam suas universidades corporativas em uma fonte expressiva de receitas. Atualmente, novas formas de uso da força de trabalho estão sendo delineadas, assim como novas exigências em termos de qualificação para o trabalho decorrentes dos

²¹ Retirado do site <http://www.mcdonalds.com.br> (Acesso em 06 de abril de 2005).

ATUALIDADES EM EDUCAÇÃO

INES

ESPAÇO

JAN-DEZ/06

96

impactos da revolução tecnológica. O discurso que busca associar o alto índice de desemprego à baixa qualificação profissional provoca uma busca desenfreada pela qualificação, ocultando a verdadeira causa do desemprego como um problema político estrutural.

Retomando a metáfora construída por Deleuze, os túneis estruturais da toupeira que forjavam moldagens fixas, distintas, estão sendo substituídos pelas ondulações infinitas da serpente, que funciona por redes flexíveis moduláveis, “como uma moldagem auto-deformante que mudasse continuamente, a cada instante, ou como uma peneira cujas malhas mudassem de um ponto a outro”²². Não mais se faz necessário confinar, submeter ou moldar, sendo apenas necessário “modular” o indivíduo, por meio da informação contínua veiculada pelos meios. O controle é de curto prazo e de rotação dinâmica, mas ao mesmo tempo contínuo e ilimitado. Desse modo, o controle não se dá mais pela contenção e sim pela pasteurização do pensamento e da capacidade de re-

ação das pessoas, que passam a viver segundo as “normas” veiculadas pelos meios de comunicação de massa e pela propaganda. Nesse contexto, o projeto do pensamento calcado no futuro coletivo é deposto, para, em seu lugar, reinar o individualismo, ou seja, o centramento narcísico do indivíduo em si mesmo e a ênfase no aqui e agora, no consumo sem fim. Se antes a família, a escola e o trabalho constituíam o mundo e vigorava a crença de que este mundo podia ser melhorado por meio da ideologia, da luta política ou da prática religiosa, hoje os meios de comunicação propagam a necessidade e o desejo, ao mesmo tempo em que fortalecem a ilusão da ascensão infinita. A compreensão do mundo, seus problemas e soluções são condicionados a uma concepção utópica de que podemos atingir nossas metas se consumirmos determinadas identidades associadas a determinadas marcas. “*O homem não é mais o homem confinado, mas o homem endividado*”, escreve Deleuze (1992: 224).

²² Cf. Deleuze, Gilles, *Post-Scriptum sobre as sociedades de controle*, *Conversações*, Rio de Janeiro: Editora 34, 1992: 221.

Referências Bibliográficas

- DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix, (1995). Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol.1, Rio de Janeiro: Ed. 34.
- DELEUZE, Gilles, (1992). *Conversações*, Rio de Janeiro: Ed. 34 Literatura.
- FOUCAULT, Michel, (2002). *Vigiar e punir*, 25ª Edição, Petrópolis, RJ: Vozes.
- HARDT, Michael, (2000). A sociedade mundial do controle; in ALLIEZ, Eric (org) Gilles Deleuze: uma vida filosófica, Rio de Janeiro: Editora 34.
- KENSKI, Vani Moreira, (1997). *Novas tecnologias: o redimensionamento do espaço e do tempo e os impactos no trabalho docente*, apresentado na XX Reunião anual da ANPEd, Caxambu.
- REVISTA NOVA ESCOLA:
http://novaescola.abril.com.br/index.htm?ed/160_mar03/html/com_palavra